



WATSON MACEDO

A arte de criar alegria



Watson Macedo, votado unanimemente para o Grande Prêmio INC e troféu Coruja de Ouro, 1971, pelo conjunto de sua contribuição ao cinema, foi um dos sustentáculos da indústria cinematográfica brasileira com os grandes êxitos populares que alcançou nas décadas de 40 e 50. Filmes como **Este Mundo é um Pandeiro**, **Carnaval no Fogo**, **Aviso aos Navegantes**, **Aí vem o Barão** e (já na década de 60) **Alegria de Viver** ensinaram o grande público a gostar da produção nacional, abrindo caminho para a solidificação do nosso cinema como indústria. Além da comédia e do filme de carnaval, ele cultivou outros gêneros: o drama psicológico — **A Sombra da Outra**, adaptação de "Elza e Helena", de Gastão Cruls; o musical não-carnavalesco — **Sinfonia Carioca**, **Rio Fantasia**; o policial — **Um Morto ao Telefone**. E, entre os valores que lançou, figuram diretores como Roberto Farias e Anselmo Duarte.

Em 1962, numa entrevista de TV, convidado a citar a maior emoção de sua vida de cineasta, Watson disse que tinha sido a conquista da Palma de Ouro, em Cannes, por seu amigo e ex-pupilo Anselmo Duarte (**O Pagador de Promessas**). "Agora eu já poderia dar outra resposta", falou ao público presente à noite da Coruja de Ouro, no Cinema Palácio. "Meu maior momento é este: receber o Grande Prêmio INC." Ao lado de amigos e ex-colaboradores que partilharam com ele outros grandes momentos: Anselmo, Farias, Eliana, José Lewgoy, Cyl Farney, Bené Nunes, Ivon Cury. **FC**

"Minha maior satisfação como cineasta é ter levado alegria a platéias de todas as idades, em todo o país. Cronologicamente, minha primeira grande alegria ocorreu quando fui indicado para dirigir meu primeiro longa-metragem, **Não Adianta Chorar**, em 1945, seis anos após os contatos iniciais com os estúdios. A alegria chegou às lágrimas de emoção, no dia do lançamento do filme. Misturei-me com o público no cinema superlotado e tive o prazer de ouvir a todo momento a receptividade dos espectadores através de ruidosas e gerais gargalhadas."

"Desde que entrei para a Atlântida, eu insistia no projeto de um drama: **A Sombra da Outra**, baseado na obra de Gastão Cruls, sobre um caso de dupla personalidade. Para convertê-lo em realidade, tive que fazer um pacto com a companhia: dirigir uma comédia que superasse o recorde de bilheteria de meu ... **E o Mundo se Diverte**. **Carnaval no Fogo** realizou a proeza e, com esse trunfo, consegui realizar, com êxito de crítica e público, **A Sombra da Outra**. E obtive o 1º Prêmio de Direção da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos, por maioria absoluta, em 1950."

"Outra grande alegria foi revelar inúmeros atores e técnicos. Anselmo Duarte ainda era menino, quando, como assistente de direção de Carmem Santos, eu o selecionei para uma ponta em **Inconfidência Mineira**. Muitos anos depois, viemos a ser grandes amigos. Eu o levava para as salas de montagem. Trocava idéias com ele sobre as histórias que escrevia para o cinema. Afinal, Anselmo acabou se convencendo de que ficar atrás das câmaras era melhor que em frente. Também lancei como ator Jece Valadão, sem fazer idéia de que viria a ser diretor e produtor de filmes de sucesso. Jece surgiu pela primeira vez na tela numa ponta de **Carnaval no Fogo**. Nesse filme, também José Lewgoy fez sua estréia cinematográfica. Eu havia gostado da 'máscara' de Lewgoy para o papel do vilão, mas hesitei um pouco: o bandido deveria ser mais alto que o herói da história e Lewgoy era bem mais baixo que Anselmo Duarte. O remédio foi fazer Lewgoy subir em grossos livros a fim de que em certos planos, a indesejável diferença de alturas não fosse notada pelo espectador. Roberto Carlos fez pontinhas em **Alegria de Viver** e **Agüenta o Rojão**, em 1958, embora sua ambição fosse muito maior: queria cantar nesses filmes.

Descobri José Vasconcelos em um programa de calouros de Renato Murce, no rádio, e dei-lhe uma chance em **Este Mundo é um Pandeiro**, de 1947, no papel do locutor que irradiava uma luta de boxe de Oscarito. Ele imitava muito bem os maneirismos de Ary Barroso e, em seguida, fez carreira muito



Sinfonia Carioca: uma das comédias musicais que deram prestígio a Watson Macedo. Na foto: Eliana

rápido. Houve duas outras revelações em **Este Mundo é um Pandeiro**: Alberto Ruschel (o futuro protagonista de **O Cangaceiro**) e o cantor Bob Néilson. Elizeth Cardoso se apresentava no mesmo filme e, logo após, conseguiu gravar seu primeiro disco. **Alegria de Viver** (1958) revelou Yoná Magalhães e Sérgio Murilo. O compositor Luiz Bonfá se contentou com um pequeno papel em **E o Mundo se Diverte**, de 1949. Assim como o Carlos Imperial em **Agüenta o Rojão**. Da lista extensa de intérpretes que lancei no cinema, posso lembrar, por exemplo, Ankito, Adelaide Chiozzo, Violeta Ferraz, Roberto Acácio, Jorge Dória, Graça Mello, Luiza Barreto Leite, Ivon Cury.

Lancei Roberto Farias, que foi auxiliar de fotografia, de montagem, assis-

tente de direção, com meu apoio. Outros assistentes meus que passaram à direção: Ismar Porto, Geraldo Miranda, Victor Di Mello. E o Chacrinha surgiu numa ponta de **Virou Bagunça**, que fiz em 1963.

Durante os sete anos em que permaneci na Atlântida, dirigi de graça. Recebia em folha apenas os vencimentos de montador. No sétimo ano, nos dois últimos filmes, incluíram no orçamento a soma ridícula de 10 contos de réis para meu trabalho como diretor. Eu me sujeitei a isso porque esperava a chance de realizar **A Sombra da Outra**. Saí pobre da Atlântida. O ordenado de montador era pouco mais que o salário mínimo da época. Contribuí para tornar ricos os que ainda não eram, e para tornar ainda mais abastados os ricos.



Da esquerda para a direita: Anselmo Duarte e Ilka Soares em *Carnaval no Fogo*; Grande Otelo e Oscarito em *Não Adianta Chorar*; Eliana em *Maria* :38



Entre os muitos problemas que surgiram durante as filmagens de minhas realizações, cito um, que fala muito alto do talento excepcional de Grande Otelo. Faltavam poucos dias para o fim das filmagens de *Carnaval no Fogo*, quando o ator perdeu tragicamente a primeira esposa e o filho. Já havia até data marcada para o lançamento do filme. Otelo sabia disso. No dia seguinte, depois do enterro, ainda sofrendo profundamente, ele me procurou disposto a filmar. Falta somente uma seqüência com ele: Oscarito como Romeu, e Otelo, em travesti, como Julieta. Nos intervalos, Otelo voltava ao profundo abatimento e até às lágrimas. Mas, quando a câmara voltava a rodar ele se transfigurava e vivia com Oscarito momentos de irresistível comédia. Quando *Carnaval no Fogo* chegou às telas, o público lotou os cinemas e morreu de rir. Especialmente na seqüência do travesti, sem vislumbrar sequer uma ponta da tragédia que amargurava intimamente Otelo.

Otelo sempre foi imprevisível, e não só nos vãos de seu talento. Em *Aviso aos Navegantes*, no final dos trabalhos de filmagens, que, por força do programa de produção, se estenderiam pela madrugada, ele insistia para sair cedo, sem explicar por quê. Eu havia montado um cenário muito a meu gosto: um corredor para seqüência de perseguição. O cenário, ambientado num grande navio, era enorme, ia da parede dos fundos até a portaria, na entrada do estúdio. Na hora em que eu filmava a perseguição de Oscarito a Otelo, este não parou mais de correr. No mesmo embalo saiu para a rua, correu atrás de um táxi e sumiu...

Outro episódio curioso. Com um revólver, Cyl Farnley deveria atirar em José Lewgoy, que trajava uma casaca nova, emprestada por Bené Nunes. Quando atirou, Lewgoy soltou um grito: estava realmente ferido e, inclusive, a casaca furada. Enganara-se o auxiliar

de estúdio ao incluir algo além de pólvora seca. O pior é que, vendo sangue, Cyl desmalou, aumentando a confusão da cena extra. *Aí Vem o Barão*, durante exótica festa no castelo do sinistro Lewgoy, este deveria brincar com os convivas, soltando uma das onças que criava nos subterrâneos. Naturalmente foi selecionada a mais mansa encontrada nesta cidade. Em lugar dessa jaula, o servente do estúdio descuidou-se e trouxe uma das outras, precisamente a única em que havia uma onça feroz. Quando a fera surgiu, com a máquina rodando, o domador (disfarçado como extra da festa) foi o primeiro a correr, gritando: 'Salve-se quem puder'. Técnicos largaram as máquinas, inclusive, o diretor. O pânico foi indescritível e pena não ter sido realmente filmado. Moças, rapazes, senhoras, subiam por cordas, rumo aos andaimes dos refletores. Quem mais se perturbou pela correria foi a fera, que, com as luzes dos refletores, procurou o enorme espelho, no centro do salão. Não houve vítimas. A jaula foi colocada próximo e o domador, também no alto de um andaime, através da clássica vara, conseguiu que ela deixasse a sua miragem e voltasse à morada.

Jamais permiti brincadelas nos estúdios e fui sempre o primeiro a dar o exemplo. A primeira e única vez que, fora de filmagem, fui fazer uma pilhéria, me dei mal. Um amigo me procurou para apresentar um candidato ao segundo papel do filme *Rio, Verão e Amor*: um 'salva-vidas'. Estava ocupadíssimo e, para eliminar o mais rapidamente possível o rapaz, resolvi inverter o seu tipo do papel, que exigia um moreno, cabelos e olhos pretos. Disse que necessitava do contrário: louro, claro, olhos azuis e que não fosse cabeludo. Vários dias depois, julguei que estivesse sendo apresentado a outro candidato: cabelos louros (pintados), olhos azul-piscina (lentes de contato), corpo sem pelos

(raspara até o peito). Fiquei com remorso pela brincadeira e o teste foi realizado. Assim Toni de Pádua ganhou o papel".

Dados biográficos

Watson Macedo nasceu na pequena localidade de Portela, município de Itaocara, Estado do Rio. Família numerosa: 10 irmãos. "Eram tantos que, uma noite, minha mãe não conferiu o total ao voltar do cineminha". O garoto Watson sonhava com o seriado de "Rouleaux" (Edle Pojo) a que assistira e começou a gritar quando despertou sozinho no cinema, no escuro. Foi "salvo" por um transeunte que procurou o proprietário, a fim de soltá-lo.

Após a morte do pai, a família se mudou para Nova Friburgo. O amor ao cinema foi aumentando à proporção que Watson crescia. Terminado o curso ginasial, decidiu trabalhar no Rio. No dia da chegada, com 18 anos, procurou um dos seus ídolos do cinema nacional: Carmen Santos, no estúdio da Brasil Vita Filmes. Ela riu, quando ele se apresentou como candidato a "diretor". Watson começou no estúdio na função de servente, "a única vaga que existia". Carmen simpaticizou com o rapaz e providenciou um dos camarins como quarto, porque ele não tinha onde morar. Auxiliando Carmen nos ensaios de candidatos a testes, foi ganhando a confiança da produtora. Em pouco tempo, deixou de ser contínuo. Lia quantos livros encontrava. Revelou gosto por cenografia e procurava os segredos que a sala de montagem proporcionava. Conquistou a admiração e a amizade do diretor de fotografia Edgar Brasil. Resultado da sua obstinação: em 1939, quando tiveram início as filmagens de *Inconfidência Mineira*, ele conquistara os seguintes postos: assistente de direção, cenógrafo e montador. Agradou tanto que Carmen Santos passou a lhe pro-



meter um filme para dirigir. No início de 1944 desiluiu-se destas promessas e foi levado para a Atlântida, por Edgard Brasil. Lá seria cineasta.

Filmografia

Na Brasil Vita Filmes

1939/1943: **Inconfidência Mineira** (direção de Carmen Santos) — Assistente de direção, cenógrafo, coordenador geral de produção. * Embora as filmagens tivessem terminado em 1943, este filme somente foi lançado em 1948. Antes de deixar a Brasil Vita Filmes, Watson Macedo deixou prontos e montados os negativos de imagem e som.

1940: **Argila** (direção de Humberto Mauro) — Cenógrafo.

1941: **Barulho na Universidade** — Primeira experiência na direção de WM. * Média-metragem que nunca foi lançado comercialmente. O filme era amadorístico, pois, não podendo contratar profissionais, o diretor apelou para ex-colegas de estudos, de Friburgo. As filmagens eram feitas aos domingos. É também o único filme no qual WM também foi ator, no papel do reitor da Universidade. Durante o incêndio que ocorreu nos estúdios da Brasil Vita Filmes, os negativos deste filme, entre tantos outros, foram destruídos.

Na Atlântida

1944: **Romance de um Mordedor** (direção de José Carlos Burle) — Cenógrafo, montador.

Gente Honesta (de Moacyr Fenelon) — Montador.

1945: **Vidas Solidárias** (de Moacyr Fenelon) — Montador.

Não Adianta Chorar — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1946: **Sob a Luz do Meu Bairro** (de Moacyr Fenelon) — Montador.

Segura Esta Mulher — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

Fantasma por Acaso (de Moacyr Fenelon) — Montador.

1947: **Este Mundo é um Pandeiro** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

Asas do Brasil (de Moacyr Fenelon) — Fotógrafo de cena, montador.

Luz dos Meus Olhos (de José Carlos Burle) — Assistente de direção, montador.

1948: **Falta Alguém no Manicômio** (de José Carlos Burle) — Assistente de direção, montador.

É Com Este que eu Vou (de José Carlos Burle) — Montador.

1949: **E o Mundo se Diverte** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

Também Somos Irmãos (de José Carlos Burle) — Assistente de direção, montador.

1950: **Carnaval no Fogo** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

A Sombra da Outra — Diretor, roteirista, cenógrafo, montador (Prêmio de "melhor direção" da ABCC — Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos).

1951: **Maior que o Ódio** (de José Carlos Burle) — Assistente de direção, montador.

Aviso aos Navegantes — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

Aí Vem o Barão — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador. (Prêmio no Festival Cinematográfico do Distrito Federal — então Rio de Janeiro.) Na Watson Macedo Produções Cinematográficas

1952: **É Fogo na Roupa** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1954: **O Petróleo é Nosso** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador. (Prêmio de Melhor Filme no Festival Cinematográfico do Distrito Federal — Rio de Janeiro.)

1955: **Carnaval em Marte** — Diretor, argumentista, roteirista (em parceria com Alinor Azevedo, Anselmo Duarte e Leon Eliachar), cenógrafo, montador.

Sinfonia Carioca — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador. (Premiado no Festival do DF/Rio de Janeiro.)

1956: **Depois eu Conto** (de José Carlos Burle) — Produtor, cenógrafo, montador.

1957: **Rio Fantasia** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

A Baronesa Transviada — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1958: **A Grande Vedete** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

Alegria de Viver — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

Aguenta o Rojão — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1959: **Maria 38** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1961: **Samba em Brasília** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1962: **Três Colegas de Batina** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1963: **Virou Bagunça** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador.

1964: **Um Morto ao Telefone** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador, (laureado com cinco prêmios no Festival de Teresópolis).

1966: **Rio, Verão e Amor** — Diretor, argumentista, roteirista, cenógrafo, montador (Melhor Filme do Ano — "Jornal de Cinema").